

REVISTA

DIAKONIA

“Servindo a quem foi chamado a servir”



O que é

Liberdade Cristã?

A Falsa Contradição
entre Lei e Liberdade

Maurice Roberts

O Chamado de Cristo a
Liberdade

William Boekestein

Equilíbrio entre a
Liberdade Cristã e
o Álcool

Robert A. Schouten

Uma Vida de Prazer
Piedoso

Jacques Roets



REVISTA

DIAKONIA

“Servindo a quem foi chamado a servir”

Editor: Jim Witteveen, Jonathan Chase

Tradução: Jonathan Chase

Revisão: Saulo Melo

Projeto Gráfico: Saulo Melo

Diagramação: Saulo Melo

Website: Saulo Melo

Ilustrações: Saulo Melo

Imagem da capa: Freepik, Saulo Melo

Imagens: Pexels.com, Pixabay.com,
Freepik.com, Unsplash.com

contato@revistadiakonia.org



INSTITUTO
JOÃO CALVINO

O Instituto João Calvino é o seminário oficial das Igrejas Reformadas do Brasil. O IJC oferece o curso teológico completo para homens que buscam a ordenação como Ministros da Palavra. Localizado na Rua José Veríssimo nº 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE. CEP: 54789-080.

Acesse o site: www.institutojoaocalvino.org.

Acesse as edições anteriores em revistadiakonia.org/edicoes. Acompanhe mensalmente também as publicações de artigos em nosso site. www.revistadiakonia.org

A revista Diakonia é uma publicação bimestral do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

Copyright 2023 - Instituto João Calvino. Todos os direitos reservados.

Sumário



Editorial

Jim Witteveen

03



A Falsa Contradição entre
Lei e Liberdade

Maurice Roberts

05



O Chamado de Cristo a
Liberdade

William Boekestein

11



Equilíbrio entre a
Liberdade cristã e o Álcool

Robert A. Schouten

15



Uma Vida de Prazer
Piedoso

Jacques Roets

21

Editorial

A questão da liberdade cristã pode ser complicada, e já levou a muita discussão e debate ao longo da história da Igreja. As acusações são feitas nos dois lados da questão; alguns são acusados de serem antinomianos. Outros são acusados de serem legalistas. Durante diferentes períodos da história da Igreja, um aspecto da fé cristã é enfatizado, muitas vezes em detrimento do outro lado. Desequilíbrios no ensino e na prática acontecem, muitas vezes como resposta às distorções anteriores. Uma geração enfatiza a liberdade cristã a tal ponto que os cristãos comuns são levados a acreditar que podem fazer qualquer coisa que quiserem. A próxima geração responde reprimindo a moral frouxa da geração anterior e começa a implementar regras que vão além das Escrituras para manter a pureza da Igreja e de seus membros. Portanto, é importante pensar com clareza sobre esse assunto e basear nosso pensamento em nosso firme fundamento, a perfeita Palavra de Deus.

A pergunta central é: “O que a liberdade cristã realmente significa?” O Senhor



Jim Witteveen. É diretor e professor do Instituto João Calvino. Serviu como missionário das Igrejas Canadenses no Brasil.

Jesus disse: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8.36). Mas o que é essa liberdade? O apóstolo Paulo disse: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão” (Gálatas 5.1). Mas sobre qual tipo de liberdade o apóstolo está pensando? E qual tipo de escravidão?

A liberdade cristã é um conceito que pode facilmente ser mal utilizado e abusado. Isso ocorre porque, como escreveu o profeta Jeremias: “Enganoso é o

coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jeremias 17.9). É muito fácil nos enganarmos acreditando que estamos vivendo nossa “liberdade cristã”, quando o que na verdade estamos fazendo é viver da maneira que queremos, usando o princípio da liberdade cristã como desculpa.

E é muito fácil para as pessoas que vêm de uma Igreja legalista aprender um pouco sobre o ensino bíblico e reformado sobre a liberdade cristã, começar a levar uma vida imoral, alegando que eles têm a liberdade de fazê-lo, e Cristo. Por exemplo, talvez sua antiga Igreja proibisse completamente o consumo de bebidas alcoólicas e tornasse a abstinência alcoólica uma marca do verdadeiro cristão. Eles aprendem que a Bíblia realmente não ensina isso e reconhecem essa proibição pelo legalismo que é. Mas então o que acontece? Eles abraçam o uso de álcool com todas as suas forças e esquecem o que a Bíblia tem a dizer sobre temperança e sobre evitar a embriaguez. E desta forma o conceito de liberdade cristã é abusado, em detrimento do indivíduo e em detrimento da congregação – e, até pior, em detrimento do testemunho do evangelho da Igreja.

Albert Einstein disse que um pouco de conhecimento é uma coisa perigosa. Nesta edição da Revista Diakonia, nosso propósito é ajudar os leitores a crescer em sua compreensão sobre a liberdade cristã e o que ela significa (e não significa), para que eles não tenham “um pouco de conhecimento,” que pode ser tão perigoso. Nesses artigos, aprenderemos sobre a liberdade que temos em Cristo, os prazeres genuínos da vida cristã, e o relacionamento entre a Lei de Deus e a liberdade.

Nossa oração é que esses artigos ajudem os cristãos, especialmente os oficiais da Igreja, a entender o assunto e aplicar esse entendimento de maneira fiel na vida da Igreja. Sabemos que nosso entendimento nesta vida nunca será completo, e entendemos que as pessoas irão diferir em seu entendimento sobre certas questões da ética cristã, e a aplicação da Lei de Deus em algumas circunstâncias. Mas ao mesmo tempo, sabemos que Deus, nosso Salvador, deseja que todos os homens “cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Timóteo 2.4). Que esta coleção de artigos sirva para nos ajudar a progredir cada vez mais no conhecimento da verdade!

A Falsa Contradição Entre Lei e Liberdade

por **Maurice Roberts**

Um dos privilégios proeminentes da vida do cristão é que ele tem liberdade espiritual. Ele não é mais servo do pecado. Ele não está preso ao poder de Satanás. Sua consciência não está escravizada a tradições ou rituais feitos por homens. Essa liberdade contrasta notavelmente com o espírito servil que pode ser encontrado em outras religiões. Contrasta com a superstição que estraga os costumes de grande

parte da raça humana e que impede as pessoas de uma liberdade grata e alegre de mente e coração.

A liberdade de um cristão é um prêmio caro comprado pela cruz, para ele, de Cristo que ele deve guardar com zelo. Nenhuma liberdade é tão benéfica para a personalidade humana quanto aquela que Cristo concede a todos os seus discípulos e servos devotados.



Mas, assim que descobrimos nossa liberdade em Cristo, nos tornamos conscientes de que a liberdade é um privilégio que pode ser facilmente abusado. Para dizer isso nas palavras do apóstolo, o problema é reconhecer que fomos “chamados à liberdade,” mas não ousamos usar essa liberdade “para dar ocasião à carne” (Gálatas 5.13). A liberdade tem seus limites.

A maior liberdade que um cristão tem, além da liberdade que um santo do Antigo Testamento tinha, é algo que traz alegria e também responsabilidade. Um filho que atingiu a maioridade tem maior liberdade do que tinha quando em sua menoridade, mas agora também se espera que ele seja mais maduro na maneira como exerce sua liberdade. Nenhum bom pai permite que seus filhos transformem a liberdade em licenciosidade, e Deus não é diferente. Até a liberdade tem suas regras sábias e benignas.

Há algo, entretanto, na própria palavra “regra” que parece nos ameaçar e lançar uma sombra sobre nossa alegria. O espírito de cinismo profundo no homem decaído tende a nos sugerir que nossa liberdade em Cristo não pode ser muito “livre” se, afinal, for regulada

por regras e leis. Como podemos dizer que o crente é livre quando ele é limitado por regras ao mesmo tempo? Esta pergunta tem se sugerido muitas vezes às mentes de cristãos imaturos e zombadores da fé cristã.

A resposta é que precisamos prestar mais atenção ao que se entende por “liberdade.” Em um mundo onde não havia Deus (se tal mundo pudesse existir), a liberdade poderia significar viver inteiramente como se quisesse. Pois onde não existe um padrão absoluto de bondade ou verdade, tudo está certo e nada é falso. É claro que esse é o sonho do ateu: ter um mundo sem regras, leis ou regulamentos, onde ele pudesse fazer o que quisesse, sem medo de punição ou de má consciência. Mas um momento de reflexão deve nos mostrar que tal “liberdade” seria mais terrível do que uma sentença de prisão perpétua.

A “liberdade” dos homens em um mundo sem regra ou lei seria a “liberdade” da selva ou do mar profundo, onde o mais forte devora o mais fraco e o maior se alimenta do menor. Seria uma existência de pesadelo. Um mundo onde não há medo do castigo é um mundo onde não há nada além do medo.

O termo “liberdade,” então, não deve ser considerado como implicando ausência de lei, mas observância da lei. A liberdade começa quando a lei é observada, não quando é abolida. Estou livre para ir e vir em paz quando sei que a lei que protege a mim e minha família será respeitada por meus vizinhos e aplicada contra qualquer invasor.

Assim é o cristão neste mundo. Ele entende que sua vida é limitada por todos os lados pelas leis boas e benígnas de um Deus santo e poderoso. Os Dez Mandamentos não são um jugo de chumbo em volta do nosso pescoço, mas uma estrutura de bem-aventurança e felicidade enquanto vivemos na terra. Não poderíamos viver felizes sem os Dez Mandamentos da mesma forma que não poderíamos viver com segurança sem a lei da gravidade. Assim como a gravidade nos ancora com segurança em nosso lar terreno, a lei moral de Deus foi criada para evitar que nos prejudiquemos a nós e aos outros. A lei moral é santa, justa e boa (Romanos 7.12).

A única razão pela qual as “regras” são consideradas uma limitação de nossa liberdade é porque não entendemos sua verdadeira natureza. As regras são

dadas por Deus, não para restringir nossa liberdade, mas para defini-la e salvaguardá-la. Os primeiros três mandamentos nos libertam da religião falsa. A quarta nos dá um dia livre para adorar a Deus e beneficiar nosso corpo e alma. O quinto mandamento foi criado para nos libertar da tirania autoritária. O sexto defende nossa vida. O sétimo é a nossa castidade. O oitavo, nossa prosperidade. O nono é a nossa reputação. O décimo nossos pensamentos secretos.

Os Dez Mandamentos não são nada se não forem baluartes para nos proteger da escravidão e da miséria a que o pecado, em todas as suas formas, reduz os homens sempre que tentam viver sem lei.

Precisamos entender a lei moral de Deus como a fórmula enviada do céu para a felicidade na terra. Não queremos dizer que a lei moral pode nos dar a salvação, mas que, uma vez que somos salvos, ela nos indica o tipo de vida onde tudo de bom pode ser encontrado. “Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço” (Salmo 119.165).

A “grande paz” que os crentes que amam a lei de Deus têm flui para eles

como uma recompensa interior de Deus por seu prazer em fazer sua vontade. Essa “grande paz” é aquela que dá ao crente sua sensação de liberdade. A liberdade é aquela de uma alma cheia de bênçãos e o conhecimento do amor de Deus.

Há palavras de Cristo que tornam este ponto muito claro: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele” (João 14.21). Se alguma vez sentimos que os mandamentos de Deus são uma limitação de nossa liberdade como cristãos, certamente não podemos mais fazer isso quando entendemos essas palavras de Cristo!

A promessa de Cristo para os crentes é muito preciosa para ser lida apressadamente. Nosso Senhor está dizendo o seguinte: “Se você deseja sentir meu amor em sua vida, você deve, como cristão, mostrar seu amor a mim, seu Salvador, por meio da observância cuidadosa de minhas leis morais.” Portanto, é claro que os Dez Mandamentos têm um papel muito importante a desempenhar na vida de um cristão. Eles são o caminho que devemos seguir, o ar que

devemos respirar, o ambiente em que devemos viver. Resumindo, devemos dizer que a lei moral é a regra de vida do crente. Na observância cuidadosa dos mandamentos há grande recompensa (Salmo 19.11).

O Espírito Santo dado a cada crente é o sustentador de nossa vida espiritual, mas ele não é a regra de nossa vida. Se fizermos do Espírito nossa regra de conduta, nos tornamos presas de todos os sentimentos fugazes e caprichos passageiros. “Eu senti vontade de fazer isso? Deve ser a inspiração do Espírito. Devo obedecer.” “Eu não me sinto levado a ir aqui ou ali. É a direção de Deus que devo obedecer.” “Eu senti uma pulsação quente no meu coração. Estou sendo guiado dessa maneira.”

Dessas e outras maneiras semelhantes os cristãos argumentam e raciocinam quando fazem do Espírito sua regra de vida. Não que o Espírito Santo realmente os guie necessariamente para tais decisões, mas os crentes tendem a pensar assim quando buscam uma regra de vida em seus sentimentos interiores.

A maneira em que o Espírito nos guia não é subjetivamente por nossos próprios sentimentos, mas objetivamente

pela Bíblia. O Espírito aponta para a Palavra. Quaisquer que sejam as experiências excepcionais que alguns grandes cristãos possam ter às vezes, nossa norma é a Palavra e a Lei de Deus.

Não é legalismo procurar guardar a lei moral de Deus cuidadosamente, contanto que a guardemos como a Cristo e por amor a ele. “Se alguém me ama, guardará a minha palavra” (João 14.23). “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14.15). O mau uso de uma coisa não é um bom argumento contra seu uso adequado. O fato de haver fariseus que guardam a lei moral de maneira legalista não é razão para que os cristãos não devam guardar a mesma lei moral com o espírito correto.

Nossas razões para observar a lei de Deus como nossa regra de vida são muitas. Primeiro, somos chamados a fazer isso por Cristo, a fim de mostrar a genuinidade de nosso amor por ele. Em segundo lugar, a Lei é o modelo de amor ao próximo: “O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Romanos 13.10). Em terceiro lugar, a lei moral é o modelo da santidade cristã:

“Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos... Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1 João 2.3,6).

A obediência é mais do que uma cortesia. Devemos a Deus nossa devoção e submissão de todo o coração. Suas leis nos obrigam a nos conformar com sua vontade tão perfeitamente quanto pudermos. Na prática, isso significa que devemos olhar para os Dez Mandamentos como o grande padrão de perfeição ao qual devemos nos esforçar para nos conformar. Nossa bem-aventurança nesta vida e na eternidade está relacionada à nossa atitude para com a lei moral de Deus. Devemos prosseguir para ela como o alvo (Filipenses 3.14). Por mais que venhamos a descobrir em nosso coração preguiçoso a relutância em obedecer a lei moral, devemos clamar a Deus por mais graça para amá-la e guardá-la. Até o grande apóstolo Paulo, no auge de suas faculdades, fez isso: “Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (Romanos 7.22-23).

O cristão considera os Dez Mandamentos como a regra “perfeita” de Deus (Salmo 19.7). Enquanto estivermos neste corpo, infelizmente não conseguiremos uma conformidade perfeita com suas demandas. Todavia não nos desesperamos nem desistimos de nossos esforços para guardar a Lei de maneira ainda mais perfeita do que no passado.

Obediência a Deus não visa atingir algum alvo arbitrário de nossa própria criação, mas nos esforçar para fazer o que ele ordenou. É o trabalho de uma vida inteira fazer com que os mandamentos escritos em nosso coração renovado sejam traduzidos em exemplos vivos daquela obediência madura que a lei moral de Deus exige.

Para nos ajudar nesta grande tarefa, Deus nos deu seu Espírito Santo, com o qual devemos cooperar com todas as nossas forças.

Maurice Jonathan Roberts um ministro presbiteriano inglês. Nasceu em Chester e estudou na Durham University e no Free Church College. Ele foi ministro da Ayr Free Church de 1974 a 1994 e depois em Greyfriars, Inverness, até sua aposentadoria em 2010.

O Chamado de Cristo a Liberdade

por *William Boekestein*



Quatro vezes em dois versículos de 1 Coríntios, Paulo cita o que aparentemente era um lema usado por alguns cristãos para justificar o uso impróprio da liberdade cristã: “Todas as coisas me são lícitas” (6.12; 10.23). O uso da frase por Paulo no sexto capítulo sugere que os coríntios invocaram a liberdade cristã para justificar a satisfação dos desejos ilícitos. Seu uso da frase no décimo capítulo liga a liberdade com o amor ao próximo (v.24-33). Paulo cita o lema para que seus leitores saibam que ele está ciente de seu pensamento, mas que não é totalmente correto.

Sim, um dos dons mais importantes de Deus na salvação é a liberdade. Jesus veio “para proclamar libertação aos cativos” (Lucas 4.18; Isaías 61.1). Ele resumiu o evangelho desta forma: “Em verdade, em verdade, vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado... Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8.34,36).

Paulo também exige que os crentes vivam livremente. “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade” (Gálatas 5.13). “Permaneçei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão” (Gálatas 5.1). A liberdade

cristã era tão importante para Paulo que os coríntios podem ter adaptado o lema - todas as coisas me são lícitas - do próprio ministério de Paulo (Atos 18.13). Os cristãos realmente têm muita liberdade em Cristo. Aqueles que estão herdando a terra (Mateus 5.5; 1 Cor. 10.26,28; Salmo 24.1) devem começar com o princípio da liberdade, não restrição.

Portanto, em vez de cancelar o lema de Corinto, Paulo o qualifica. Ele simplesmente exige que os cristãos usem a liberdade com sabedoria, sugerindo três testes que a liberdade cristã passará se for genuína.

1. Meu uso da liberdade é legal?

Paulo cita o lema de Corinto pela primeira vez (1 Coríntios 6.12) depois de adverti-los contra as consequências da depravação radical (v.9-10). Ele está antecipando a refutação coríntia de que todas as coisas, mesmo o pecado sexual, são lícitas para aqueles que se lavaram, que foram santificados e justificados (v.11).

Os coríntios estavam bem cientes da liberdade que Cristo dá aos crentes na Nova Aliança. Jesus corajosamente

cancelou as restrições alimentares: “Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina” (Marcos 7.15). Se os cristãos podem comer alimentos que antes eram impuros, não poderiam também se envolver em atividades sexuais que antes eram impuros? Afinal, não estamos sob a lei, mas sob a graça (Romanos 6.14) e a misericórdia de Deus é maior do que o nosso pecado (Romanos 5.20).

Mas Paulo realmente rejeita a permissibilidade de ações imorais ao invocar a liberdade cristã. “Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1 Coríntios 6.20; veja também 1 Pedro 1.17-19). Não use sua liberdade para dar ocasião à carne (Gálatas 5.13). O dom da justificação graciosa nos dá liberdade do pecado, não liberdade para pecar.

2. Meu uso da liberdade é edificante?

Nem todas as ações moralmente neutras são úteis (1 Coríntios 6.12; 10.23) ou edificam outras. Nossa liberdade de agir de maneiras moralmente neutras é qualificada pelo fato de vivermos em comunidade. Os cristãos devem se

recusar a permitir que suas consciências sejam escravizadas pelas opiniões dos outros (v.29). Ainda assim, os cristãos honram o fato de que não vivemos para nós mesmos (Romanos 14.7).

O contexto da segunda referência de Paulo ao lema de Corinto diz respeito à carne sacrificada aos ídolos (1 Coríntios 10.25-30). Coma tais alimentos livremente, a menos que sua alimentação perturbe a consciência de outra pessoa. O amor nos motiva a ser sensíveis às preocupações dos outros, a nos preocupar com como nossas ações afetam os outros. Nossa liberdade em relação às coisas indiferentes é importante, mas menos importante do que a causa do evangelho e a paz da igreja. É por isso que Paulo frequentemente abdica-se livremente de seus direitos. Ele não buscava seu próprio interesse, mas o de muitos (1 Coríntios 10.33). Ao fazer isso, ele diz: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Coríntios 11.1).

3. Meu uso da liberdade é libertador?

Caso contrário, desejos e ações inocentes podem ser escravizadores: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas

convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1 Coríntios 6.12). Aqueles que dizem: “Eu poderia parar a qualquer momento” - mas não - podem estar se enganando. Existe alguma coisa que governa você? Mídia social? Comida? Álcool? Vícios químicos? Dinheiro? Trabalho? Identificamos ídolos pelos sentimentos que surgem com a perspectiva de desistir deles. Mesmo os prazeres dados por Deus podem se tornar ídolos, mestres concorrentes, quando precisamos deles para nosso conforto. Devemos usar nossa liberdade para nos tornarmos, e aos outros, mais livres em Cristo, não menos.

Todas as considerações morais nos trazem de volta a Jesus. A liberdade cristã é um testemunho de Cristo. Ele nos libertou da escravidão do pecado, pagando por nossa liberdade com seu próprio sangue. Ele nos libertou do inferno e limpou nossas consciências do medo do inferno. Seu Espírito sintoniza nossa vontade com a vontade de Deus para que possamos servi-lo livremente com integridade. Honramos a Cristo vivendo como pessoas livres.

Nossa salvação é um testemunho do cuidado de Deus por aqueles que

perderam todos os direitos ao seu amor. Deus tinha a liberdade para não salvar pecadores (Romanos 3.19,23; 6.23). Mas ele praticou o princípio que o Espírito agora nos ensina: “Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem” (1 Coríntios 10.24). O Filho eterno de Deus pode ter exercido sua liberdade para reter todos os benefícios da divindade, mas Cristo não valorizou seus direitos; ele não supervalorizou seu conforto. Honramos a Cristo negando livremente nossos direitos quando apropriado. Os cristãos têm grande liberdade em Cristo. Use essa liberdade para que tudo o que você fizer, “faça tudo para a glória de Deus” (1 Coríntios 10.31).

O **Rev. William Boekestein** é pastor da Immanuel Fellowship Church em Kalamazoo, Michigan. Ele é co-autor de *Why Christ Came* e autor de muitos outros livros, incluindo *Stubborn Prophet*, *Faithful God* e *The Glory of Grace*.

Equilíbrio Entre Liberdade Cristã e o Álcool?

por *Robert A. Schouten*



O que há de errado em beber? A resposta é: nada. A Bíblia nunca proíbe as pessoas de beberem bebidas alcoólicas. Alguns cristãos fundamentalistas podem ficar chocados ao ver um crente beber, mas o fato é que as Escrituras não proíbem totalmente o consumo de bebidas alcóolicas.

De acordo com a Bíblia, o problema do álcool não é seu uso em si, mas seu abuso. Não podemos chamar de pecado o que a Bíblia não chama de pecado.

Um abuso de álcool claramente proibido é a embriaguez. Ficar bêbado é ser tão afetado pela bebida alcoólica que você perde o controle normal sobre as faculdades físicas e mentais. A Bíblia mostra que a embriaguez é uma ameaça real para todos os crentes. É por isso que existem tantos avisos contra isso. Em 1 Coríntios 6, Paulo diz que os bêbados não herdarão o Reino de Deus (v.10). A igreja é até mesmo alertada para ter cuidado em não nomear

líderes viciados em vinho (1 Timóteo 3.38). A embriaguez é típica do antigo modo de vida dos gentios e deve ser evitada (1 Pedro 4.3).

Provérbios 23 contém uma descrição bem-conhecida do bêbado. “Para quem são os ais? Para quem, os pesares? Para quem, as rixas? Para quem, as feridas sem causa? E para quem, os olhos vermelhos? Para os que se demoram em beber vinho, para os que andam buscando bebida misturada. Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoa suavemente. Pois ao cabo morderá como a cobra e picará como o basilisco. Os teus olhos verão coisas esquisitas, e o teu coração falará perversidades. Serás como o que se deita no meio do mar e como o que se deita no alto do mastro e dirás: Espancaram-me, e não me doeu; bateram-me, e não o senti; quando despertarei? Então tornarei a beber” (Provérbios 23.29-35).

Esta passagem descreve o engano do álcool. Ele desce suavemente e é tão bom. Mas leva ao delírio, tonturas, a feridas (causadas por brigas no bar ou outro lugar). Pessoas bêbadas cambaleiam de uma maneira totalmente degradante. O versículo 35 é a parte

mais triste de todas. Quando o bêbado volta a si, fica tão deprimido que tudo o que pode dizer é: “Pegue outra bebida para mim.” Ele submerge novamente em álcool.

Esses versículos falam do bêbado habitual na festa ou no bar e sobre o bêbado, o alcoólatra, que tem um desejo apaixonado e servil por vinho e ainda mais vinho (ou cerveja ou cachaça, etc.).

Mas o que podemos dizer sobre os usos mais “sofisticados” do álcool? Há muitas pessoas que nunca (ou apenas raramente) se envolveram em uma bebedeira. Elas não cambaleiam, não ficam agressivas ou barulhentas e não vomitam na mesa.

No entanto, elas bebem. Elas bebem regularmente. Cada fim de semana elas estão em casa com os amigos e a inevitável caixa de cerveja. Ou elas passam muitas horas valiosas no bar. Se formos honestos, admitiremos que essas práticas se tornaram comuns até entre os cristãos reformados.

Por que isso acontece? Por um lado, as pessoas têm mais dinheiro do que antes. Mesmo na Bíblia, a maioria das advertências contra a embriaguez é dirigida contra governantes e aristocratas,

uma vez que somente eles podiam pagar pelo hábito. Mesmo hoje, porém, as bebidas alcoólicas são caras. O uso generalizado por jovens reflete a má administração. Provérbios 20.20-21 nos adverte sobre uma conexão frequente entre bebida e pobreza. Beber esvazia nossos bolsos e pode matar o ímpeto e o desejo.

Mesmo assim, por que beber é tão popular entre os jovens? Por que muitos dificilmente imaginam uma reunião sem algum tipo de bebida? A resposta não deve ser encontrada no poder do álcool de alterar o humor? O álcool é uma droga. O uso de álcool muda a maneira como nos sentimos sobre nós mesmos. Pode reduzir temporariamente a tensão. Faz com que as pessoas se sintam mais livres, à vontade e mais capazes de desfrutar de uma reunião social.

Além disso, algumas bebidas podem tornar o contato com o outro sexo um pouco mais fácil. A bebida abre os lábios. Pode fazer você se sentir mais confiante! É claro que a indústria do álcool contribui para nossas atitudes em relação ao álcool. Seus anúncios exibem bebedores em um ambiente cheio de diversão. Vemos homens e mulheres de boa aparência rindo e

brincando, estando próximos uns dos outros e aparentemente no topo do mundo em todos os aspectos.

É muito claro, então, que muitas pessoas não bebem bebidas alcoólicas porque estão com sede. Em vez disso, bebem porque o álcool tem um agradável impacto de curto prazo em seu estado de espírito.

Isso é permitido? Podemos desfrutar dos efeitos do álcool? Acho que a resposta é que, com moderação, podemos. O Salmo 104.15, por exemplo, afirma que Deus dá vinho para alegrar o coração do homem. Uma taça de vinho ou uma caneca de cerveja podem ser apreciadas como um presente criado e podem nos refrescar e alegrar - assim como uma boa fatia de pão. Nosso Senhor também bebeu vinho. Embora alguns possam decidir se abster, isso não pode ser aplicado como regra.

Mesmo assim, nossos hábitos de beber têm que ser examinados.

Em primeiro lugar, há a questão do ambiente. Se você vai beber, deve assegurar-se de que o fará como um crente cheio do Espírito. Lembre-se de que o Espírito é Santo. Isso significa que você o entristece quando escolhe ir a um

lugar profano, por exemplo a um bar que atende a uma vida completamente mundana de excessos e libertinagem. Pode-se dizer com segurança que quando você entra no bar, o Espírito Santo não vai acompanhar-te.

Em segundo lugar, pergunte-se por que você bebe. O homem que bebe porque sente que deve ser um homem entre os homens, ou para ser aceito, ou para projetar o tipo de imagem que deseja ter, ou que bebe para lidar com seus problemas de solidão e ansiedade, é uma pessoa destinada a problemas e possivelmente para uma dependência vitalícia do álcool. O alcoolismo na adolescência é uma praga social galopante. Alguns de vocês podem estar muito mais perto deste pesadelo do que pensam.

Faça a si mesmo as seguintes perguntas: Você já está ansioso para sua próxima bebida, mesmo que não a tome por mais uma ou duas horas? Você bebe para superar a timidez? Beber está afetando sua reputação? Você já teve dificuldades financeiras por causa da bebida? Beber diminuiu sua ambição? Você anseia por uma bebida em um certo horário todos os dias? Você quer uma bebida de manhã? Você bebe

para escapar de preocupações ou problemas? Você bebe para aumentar a autoconfiança? Você recorre a companheiros inadequados e um ambiente inferior quando bebe? Você bebe sozinho? Você bebe por causa da pressão dos colegas?

Se você respondeu sim a algumas dessas perguntas, é quase certo que você está no caminho do alcoolismo! Claro, você pode ter dito não a todas as perguntas. Mesmo assim, você ainda pode estar dominado pelo álcool, já que os alcoólatras negam notoriamente que têm um problema. Mesmo como escravos da bebida, eles afirmam que estão “no controle.” E muitas vezes eles vão continuar dizendo isso até morrerem de uma morte relacionada ao álcool. No final, o álcool morde como uma cobra e envenena como uma víbora.

Portanto, a regra deve ser: “Tome cuidado.” Pense nas milhares de pessoas que morrem a cada ano no trânsito relacionadas ao álcool (sem mencionar as centenas de milhares de feridos). Fale com a polícia e pergunte quantos crimes estão relacionados ao álcool. Eis as estatísticas: 80% dos assassinatos; 70% das agressões; 60% de abuso infantil; 50% dos estupros; 50% dos

incêndios e afogamentos; 40% dos acidentes domésticos; 33% dos suicídios são relacionados ao álcool.

E pense também nos danos ao próprio alcoólatra: saúde perdida, eficiência e motivação reduzidas, relacionamentos rompidos e culpa constante. A propósito, se você se encontra nessa representação do alcoólatra, fale com seu presbítero e ministro da palavra, e peça-lhe que o contate com a ajuda necessária. Você não vai vencer a batalha sozinho.

Agora vamos dar uma olhada em alguns outros efeitos do álcool que podem machucar mesmo se você não beber muito e mesmo se você estiver convencido de que não está no caminho do alcoolismo. Em primeiro lugar, mesmo em quantidades menores, o álcool rouba a clareza da mente. Conselheiros profissionais concluíram que, depois de uma ou duas cervejas, a alegria aumenta e as inibições começam a diminuir. Depois de três ou quatro cervejas, o julgamento é mais lento, a coordenação é interrompida e você fica um pouco tonto. Depois de cinco ou seis cervejas, a visão fica turva, a fala fica confusa e o tempo de reação é mais lento. Depois de seis a oito bebidas, as pessoas começam a

cambalear, enxergam o dobro e perdem o senso de equilíbrio.

Obviamente, as pessoas caem “sob a influência” muito antes de estarem completamente embriagadas. Podemos resumir os efeitos do álcool dizendo que, quando você bebe, quase imediatamente começa a perder algum controle sobre si mesmo.

Essa perda de autocontrole é proibida nas Escrituras. Em Efésios 5.17-18, o apóstolo Paulo escreve o seguinte:

“Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito.”

Beber faz com que percamos o autocontrole. Isso rouba as pessoas do agudo discernimento cristão. Muitas pessoas têm que conviver com as consequências para a vida toda de um único caso de abuso de álcool. Não precisamos buscar excitação e “liberdade” do uso excessivo de álcool, pois isso leva à devassidão, ou seja, a imprudência e comportamento desenfreado. E não precisamos da euforia de álcool. Termina rapidamente e geralmente nos deixa com uma sensação pior do que antes.

O que precisamos é do Espírito Santo. Precisamos implorar a Deus incessantemente para nos encher com seu Espírito Santo. Quando ele habita em nós, não perdemos, mas ganhamos autocontrole. Beber pode fazer com que percamos as inibições. Esquecemos a vontade do Senhor. Nossa inteligência está diminuída. Mas quando estamos cheios do Espírito Santo, então nossas mentes são aguçadas. Nossa sensibilidade é aprimorada. Ganhamos um senso bem ajustado de conhecer a vontade de Deus. Nossos espíritos se elevam em verdadeira alegria cristã.

Concluindo, se for beber, lembre-se de que está lidando com uma substância

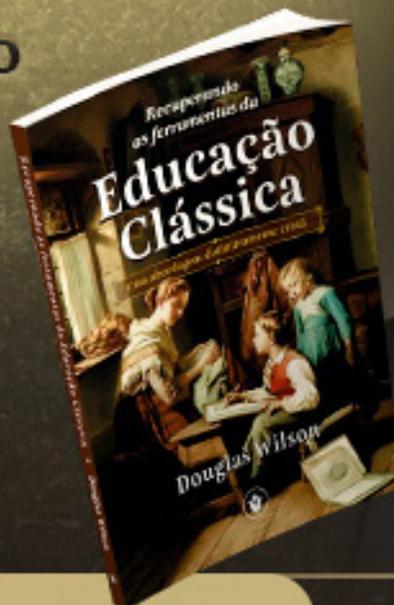
perigosa. Cada lata de cerveja e cada garrafa devem ser marcadas com uma caveira e ossos cruzados.

Na prática, isso significa evitar os bares completamente. Significa que você não consome mais do que uma ou, no máximo, duas bebidas em cada ocasião. E, como ponto final, os crentes cheios do Espírito Santo não sentem a necessidade de ter álcool sempre à mão quando se reúnem com seus amigos. Se o álcool estiver sempre presente, isso é em si um sinal claro de abuso e deve ser interrompido.

Rev. Rob Schouten é ministro da palavra na igreja Reformada de Aldergrove no Canadá.

Uma Abordagem Cristã da Educação

O sistema de educação atual é um fracasso. Mesmo muitos dos que fazem parte dele admitem sua ruína. Douglas Wilson entende que há outros fatores que contribuem para essa falha sistemática, mas atribui boa parte da culpa à ideia de que a educação pode expressar-se num vácuo moral.



CENTRO
DE LITERATURA
REFORMADA

ADQUIRA AGORA PELO SITE

EDITORACLIRE.COM.BR

Uma Vida de Prazer Piedoso

por *Jacques Roets*



Em 2 Timóteo 3, o apóstolo Paulo nos dá uma descrição dos tempos em que vivemos, os “últimos dias,” os dias entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Ele termina a lista de palavras descritivas com as palavras, “mais amigos dos prazeres que amigos de Deus” (v.4). Que descrição perfeita do Século XXI! Em nosso contexto de consumismo e entretenimento, nós precisamos refletir sobre o lugar do prazer em nossas vidas. Devemos nos perguntar: quais são os prazeres piedosos ou inocentes que podemos e devemos buscar? Quais

são os prazeres culpados ou manchados pelo pecado que devemos deixar? Neste artigo, procuraremos responder a essas perguntas.

Primeiro, veremos o que constitui prazer inocente e veremos como às vezes distorcemos e contaminamos eles. Também veremos prazeres culpados - como podemos identificá-los e como devemos lutar contra eles. Nosso objetivo é analisar o lugar do prazer em nossas vidas cristãs e fornecer orientação para viver como “amigos de Deus” em vez de “amigos dos prazeres.”

O Prazer e o Cristão

A busca pelo prazer ocupa a mais alta prioridade em nossa cultura. Muito do nosso tempo é gasto tentando nos entreter com nossas televisões, equipamentos de entretenimento doméstico, parques de diversões, cinemas e brinquedos. Muitas pessoas vivem apenas nos fins de semana. Muitos só trabalham para ter dinheiro para se divertir. Como cristãos, não deixamos de ser afetados por esse impulso excessivo de entretenimento.

No ambiente em que vivemos, é absolutamente essencial que possamos refletir criticamente sobre o lugar do prazer em nossas vidas. Muitos cristãos reagem à nossa cultura negando a legitimidade do entretenimento. Eles dizem que devemos nos concentrar apenas nas questões espirituais e cumprir nosso dever. Devemos nos retirar desta cultura antes de sermos poluídos. Essa abordagem de nossa cultura é problemática em pelo menos dois aspectos.

Em primeiro lugar, nega a realidade radical do pecado. De forma simplista, essa visão ensina que o pecado está localizado na cultura do entretenimento.

Portanto, se evitarmos essa cultura, evitaremos o pecado. Esta é uma negação da natureza radical do pecado, que está sempre localizado no coração humano. O pecado não está fora de nós, mas dentro. Retirar-se do mundo não é o mesmo que lidar com o pecado. Quando o apóstolo João nos exorta a lutar contra o mundo, ele aponta para o mundo em nossos corações:

“Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 João 2.15-17; veja também Tiago 4.4).

Devemos nos resguardar do mundanismo de nossos próprios corações. Isso não é feito fugindo deste mundo, mas crucificando a natureza pecaminosa e revestindo-se do novo homem em Cristo, mesmo na área de entretenimento.

O segundo problema com essa abordagem é ainda mais perigoso. Advogar a retirada é uma negação da boa criação

original de Deus. É atacar o próprio Criador quando nos retiramos. O salmista nos lembra no Salmo 24.1: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam.” Tudo neste mundo vem de Deus. “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tiago 1.17). Entretenimento e lazer são dádivas de Deus. São dádivas maravilhosas que nos proporcionam tanto prazer e alegria. Também são uma grande fonte de descanso para tantos que estão oprimidos pelos fardos da vida, permitindo-nos recuperar o fôlego neste mundo inquieto. Não devemos negar a nós mesmos ou a outros os prazeres legítimos da vida que Deus concedeu, porque algumas pessoas tendem a abusar dessas boas dádivas de Deus. Este é o problema humano perene: somos criaturas de extremos. Reagimos a um extremo com outro.

Visto que a abordagem da retirada é problemática, qual deveria ser nossa abordagem para a recreação? Em vez de cair na abordagem defeituosa que nossa cultura busca, devemos examinar o que o prazer realmente é e entrar em nossa cultura com os prazeres maiores

e mais brilhantes que Deus oferece. Devemos ser pessoas que são verdadeiramente capazes de ter prazer, sem serem consumidas pela busca dele. Mesmo nesta área devemos funcionar como luz e sal em nossa cultura.

O que é prazer inocente?

Considere sua própria vida por um momento. Quais são os prazeres verdadeiramente inocentes de que você se delicia? Faça uma pequena lista, se quiser. Os prazeres inocentes em sua vida podem ser alcançados fazendo as seguintes perguntas: O que me dá um simples prazer? O que realmente me refresca? Onde eu coloco minhas preocupações? Quais são os prazeres da minha vida que não deixam uma culpa persistente? Prazeres inocentes não deixam mancha. Eles são prazeres verdadeiramente bem-aventurados.

Quais são os tipos de coisas que são verdadeiramente inocentes? Aqui estão algumas coisas que eu descobri:

- Assistir a um pôr do sol ou nascer do sol
- Desfrutar de um bom café da manhã
- Brincar com meus filhos
- Visitar um amigo
- Tomar um café forte

- Ler um bom livro
- Passar tempo com minha esposa
- Assistir um bom filme

Os prazeres inocentes são pessoais. O que é prazeroso para um não é necessariamente prazeroso para outro. Os prazeres inocentes costumam ser coisas comuns na vida que nos trazem um momento de alegria quando simplesmente nos deleitamos neles. Na verdade, existem muitas ocasiões em nossas vidas em que desfrutamos desses momentos de puro e imaculado prazer. Mas um dos grandes problemas de nossa cultura em sua busca excessiva e incansável por entretenimento é que ela retira esses momentos de puro e simples prazer de sua alegria concedida por Deus, porque eles não parecem estar à altura do padrão de emoção que nós definimos para nós mesmos. Hoje somos pressionados a buscar a emoção, e a emoção drena de nossas vidas todos os pequenos e inocentes momentos de prazer que nos cercam a cada momento.

Outro inimigo dos prazeres inocentes em nossas vidas é nossa tendência de usar esses prazeres inocentes de maneiras que não são tão inocentes.

Frequentemente os transformamos em rotas de fuga da realidade. Contamos com eles para nos fornecer uma fuga das pressões da vida. As pressões típicas das quais queremos escapar são o tédio ou a solidão, o estresse ou a frustração e a mágoa e a dor causadas por outras pessoas que nos tratam injustamente. O que nós fazemos? Tornamo-nos loucos por televisão e filmes; começamos a comer excessivamente; buscamos conforto emocional na comida ou nos animais de estimação. A lista continua. Pense no seguinte: Quais são as situações em sua vida que o levam a buscar uma fuga? Como você tenta escapar delas? Que “prazeres inocentes” você busca para seu conforto?

Qual é o problema de olhar para essas coisas buscando uma fuga do estresse da vida? O problema é que procuramos prazeres para nos prover o que somente Deus pode prover. Estamos, dessa forma, trocando o Criador pela criatura. Isso é idolatria; é trocar a verdade de Deus pela mentira, e adorar e servir a criatura em vez do Criador (Romanos 1.25). Quando olhamos para a comida para nos trazer cura emocional quando somos feridos ou frustrados, estamos trocando a criatura por aquilo que somente Deus pode fornecer. Quando

criamos ídolos de prazeres inocentes, destruímos esses prazeres, porque estamos buscando deles muito mais do que eles podem fornecer. Não é de admirar que nos deixem tão vazios.

O antídoto para essa tendência nossa de inflar os “prazeres inocentes” é ir a Deus, a fonte do mais puro prazer. O salmista mostra o caminho quando diz: “Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente” (Salmo 16.11). É isso que precisamos aprender a dizer. Devemos aprender a dizer com Asafe no Salmo 73.25-26: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.”

Deus é o maior e mais puro prazer em que nossa alma pode se deleitar e descansar. Devemos descansar e nos deleitar nele. Quando Deus é nosso maior prazer, todos os pequenos prazeres também se encaixam. Quando nosso deleite está em Deus, então também teremos verdadeiro deleite nos prazeres inocentes da vida, porque então, não olharemos para esses dons para fornecer o que, em última análise, será

encontrado apenas no Doador de todos os prazeres. Quando Deus está no trono dos prazeres, todos os outros prazeres da vida tomam seu lugar apropriado, e podemos desfrutá-los abundantemente.

O que são prazeres culpados?

Prazeres culpados são aqueles prazeres da vida que nos deixam manchados. Depois de nos entregarmos a eles, eles nos fazem sentir sujos, culpados ou simplesmente vazios. Esses prazeres nunca nos deixam sem algum desconforto e inquietação. Eles sempre deixam uma mancha. Alguns desses prazeres culpados são fáceis de identificar: luxúria, gula e preguiça. Mas existem outros mais sutis. Falamos de nossa tendência de transformar prazeres inocentes em culpados quando começamos a usá-los como rotas de fuga das pressões da vida. Quando olhamos para esses prazeres para nos fornecer algum tipo de fuga do estresse, das dores, dos momentos solitários da vida, transformamos os prazeres inocentes em culpados, porque esperamos que eles nos supram com o que só Deus pode fornecer. Pense em compras recreativas por um momento. Não fazemos mais compras porque precisamos de algo;

estamos comprando apenas para nos divertir. A própria compra torna-se o meio pelo qual damos sentido às nossas vidas. Ou considere nossa tendência de lanchar entre as refeições - comendo para nos confortar emocionalmente ou simplesmente para comer. Você vê a sutileza desse uso indevido de coisas boas? Coisas que por si mesmas são perfeitamente boas podem se tornar enormes obstáculos em nossas vidas.

Então, como podemos identificar os prazeres culpados em nossa vida? Como você sabe quando algo cruzou a linha de um prazer inocente para um prazer culpado? Quando você sabe que algo que é inocente em si mesmo é usado de maneira impura e profana por você?

Cinco diretrizes para avaliar os prazeres de sua vida e ver se eles ultrapassaram os limites:

1 Quando é obviamente errado.

Aquelas coisas que Deus em sua Palavra condena expressamente são prazeres obviamente culpados. Desejar uma mulher, ter prazer em pornografia (Mateus 5.27-31), abusar de álcool ou

drogas (Lucas 21.34; Efésios 5.15-18), ter prazer em contar histórias sobre outros (1 Timóteo 5.13), Deus proíbe explicitamente. Portanto, examine sua vida. Você tem prazer em algumas coisas que Deus proibiu expressamente?

2 Quando controla você.

Quando o prazer o leva cativo. Você fica obcecado. Está constantemente em sua mente. Você adora fantasiar sobre isso. Consome seu tempo e parece irresistível. Torna-se uma obsessão. A luxúria obviamente tem uma influência poderosa nas pessoas. Mas fazer compras ou qualquer outra coisa que pareça estar constantemente em sua mente também pode levá-lo cativo. Quais são as coisas em sua vida que dominam seu tempo, seus pensamentos e seus desejos?

3 Quando você o esconde dos outros.

Você identificaria os prazeres culpados em sua vida ao olhar para as coisas de que se delicia secretamente. Você os faz secretamente para que ninguém possa vê-los. São essas coisas que você esconde de seu cônjuge ou amigos mais próximos porque sabe que são prazeres ilegítimos. Você se sente envergonhado e constrangido por reconhecer que sente prazer neles. Mas lembre-se de que parte da influência

poderosa desses prazeres pecaminosos em nossa vida é o próprio segredo. Por estarem ocultos, eles podem operar com liberdade e poder. Quais são esses prazeres em sua vida que você esconde das pessoas mais próximas a você?

4 Quando atrapalha seu dever.

Quando rouba as coisas boas que você deveria fazer, você sabe que está lidando com um prazer culpado. Você se esquece de fazer algo bom porque não pode resistir a ceder aos seus prazeres secretos. É um prazer culpado quando você falha persistentemente em fazer seu dever de casa ou nas devoções diárias porque prefere passar o tempo navegando na Internet, assistindo televisão ou qualquer outra atividade? Quais são os prazeres que mais o impedem de fazer o bem?

5 Quando não cumpre o que promete.

Os prazeres pecaminosos nos oferecem grandes coisas. A pornografia nos oferece a adrenalina, a excitação sexual, sem o relacionamento emocional complicado que o casamento traz. As compras recreativas prometem encher sua vida de significado e propósito. Mas as promessas de pecado sempre nos enganam. Os prazeres pecaminosos são incapazes de cumprir o que prometem. A onda sexual que a pornografia

traz e o significado e propósito que as compras trazem nos deixam vazios depois. Isso faz com que uma grande nuvem de culpa paira sobre nossas cabeças. Um prazer idólatra por sua própria natureza não pode cumprir o que promete, porque promete algo que só Deus pode fornecer: verdadeira alegria e propósito de vida duradouros. Tudo o que esses prazeres podem fornecer são pálidas imitações dos dons de Deus e, portanto, sempre nos deixam vazios. Então, quais são as coisas em sua vida que você espera que lhe proporcionem prazer, mas, em vez disso, sempre o deixam se sentindo vazio e desapontado?

Siga estas cinco diretrizes e examine sua vida. Ore para que o Senhor o ajude a examinar seu coração para descobrir que prazeres culpados você esconde. Peça ao Senhor para ajudá-lo a lidar com eles.

Como lutar contra prazeres culpados

Neste mundo quebrado e amaldiçoado pelo pecado, nunca teremos paz. Ansiamos por paz. Frequentemente, aceitamos uma falsa paz em nosso desejo de evitar a luta, entregando-nos a fugas pecaminosas. Mas isso não será suficiente. O cristão está sempre em guerra neste mundo decaído. Isso

também se aplica aos nossos prazeres. Que estratégia podemos implementar para lutar contra os prazeres culpados e afastá-los de nós? Existem essencialmente cinco coisas que quer destacar nesta luta:

1. Faça uma pausa. Depois de identificar um prazer torpe em sua vida, faça uma pausa deliberada por uma semana. Começamos com uma pequena pausa, que, após o sucesso inicial, iremos estender cada vez mais. Portanto, faça um rápido jejum por uma semana para começar. Resista. Pare de se entregar a isso por um tempo. Veja o que acontece. Você provavelmente encontrará uma luta feroz. Você se descobrirá desejando mais e mais. É possível que você fique obcecado com o que negou a si mesmo. Você descobrirá um desejo quase irresistível por isso. Isso não é diferente do que um adicto sente. Esses desejos viciantes estão presentes em cada coração humano pecador que busca algo na criação para prover o que somente Deus pode dar. Essa experiência é evidente em questões importantes como jogos de azar, pornografia, álcool ou abuso de drogas. Mas quando você declara um jejum de chocolate ou lanche ou videogame, você experimentará uma

luta semelhante. Este é um sinal de um prazer idólatra! Comece a resistir. Não deixe que o cansaço o domine; ouça o incentivo de Hebreus 12.4: “Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue.”

2. Entenda sua fraqueza. Nesta luta, observe quando e por que você tem maior probabilidade de falhar. Por que você busca essa rota de fuga? Alguns de nós se entregam a prazeres culpados porque estamos entediados. Não temos nada para fazer, então lanchamos. Alguns de nós fazemos isso porque queremos apoio emocional. Sentimo-nos solitários, com raiva e frustrados, por isso nos deliciamos com comida, compras ou filmes. Às vezes, cedemos porque nos damos uma recompensa por fazer algo bem ou concluir uma tarefa. Quais são as coisas, os padrões e as emoções que acionam seu desejo por esse prazer culpado? O que lhe dá “permissão” para se entregar? Você nunca será capaz de lutar contra esses prazeres pecaminosos em sua vida se não enxergar os padrões que levam a eles.

3. Compreenda o poder da cruz sobre o pecado. Quando você sentir a intensidade da luta e perceber seus padrões particulares que o levam ao

pecado, ficará claro que você não é capaz de lutar sozinho. Nosso poder e força são insuficientes para esta guerra. O que você precisa é lutar contra esses prazeres pela cruz de Cristo. Você deve entender o evangelho e como ele fala a esses prazeres em nossa vida. Ouça as palavras do apóstolo Paulo em Romanos 6.5-11: “Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos, sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.” Paulo está dizendo que o cristão está unido a Cristo em sua morte e ressurreição. Então, quando Cristo morreu, o crente morreu. Quando Cristo foi

vivificado, o crente foi vivificado. Aqui temos o princípio central que nos ajuda a lutar contra os prazeres culpados de nossa vida. Devemos entender que morremos para eles. Não somos mais escravos deles porque Cristo morreu para o pecado, e nele também morremos para o pecado. Portanto, agora devemos nos considerar mortos para este pecado. Estamos vivos também em justiça para viver para Deus. Temos o poder de romper com esses prazeres poderosos e maculados pelo pecado em nossa vida. Nesta luta - e será uma luta feroz! - somos totalmente dependentes de Jesus Cristo. Em duas expressões em Gálatas, Paulo nos dá nosso grito de guerra. Primeiro, “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (2.19-20). Em segundo lugar, “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (6.14). Nas duas declarações, Paulo deixa claro que sua esperança está em Cristo. Em sua morte, o mundo é crucificado para o crente e o crente para o mundo. O crente não

vive mais em pecado, mas por meio do poder vivificador de Cristo. Portanto, aqui temos a resposta para os prazeres destruidores da alma.

4. Cultive o prazer superior em Cristo: também devemos começar a ver o quadro geral. Visto que somos criaturas feitas com sede e anseio pelo Deus vivo, nosso anseio não pode ser satisfeito com nada nesta criação. Quanto mais procuramos saciar essa sede com algo na criação, mais temos sede. O anseio apenas se intensifica porque nenhuma criatura pode satisfazer esse anseio de Deus da alma humana. É por isso que devemos cultivar e nos encorajar a ver o prazer superior, que satisfaz a alma, que é encontrado em conhecer a Cristo. A atitude de Paulo em Filipenses 3.8-10 deve se tornar a nossa: “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição...” Este é o tipo de alegria em Cristo que devemos

cultivar. É uma alegria que não depende de nosso humor ou circunstâncias da vida. É um deleite total em Cristo. Há outra razão pela qual devemos cultivar esse tipo de alegria em Cristo para substituir nosso deleite e alegria por prazeres culpados. Prazeres manchados de pecado lutam contra nossa alegria em Cristo e diminuem nossa jactância em Cristo. Não podemos e não vamos achar que Cristo é amável e glorioso quando buscamos alegria e deleite em prazeres pecaminosos. Então aqui vemos que não temos a opção; devemos enfrentar esses prazeres. Eles guerreiam contra nosso amor por Cristo. Eles dividem nossa lealdade e assim roubam a Cristo. Você vê a urgência e a necessidade de lidar com essas coisas? Regozijar-se em Deus como o prazer supremo não destrói os prazeres terrenos; purifica-os e santifica-os para que possamos desfrutar verdadeiramente deste mundo!

5. Dê-se aos outros. Isso pode parecer uma questão secundária, mas é de extrema importância. Jesus resumiu a lei de Deus como amor a Deus e amor ao próximo (Mateus 22.36-40). Buscar nosso verdadeiro prazer em Deus não significa isolamento dos outros. Isso seria profundamente antibíblico.

Entregar-se a Deus e entregar-se ao próximo não são ações que se excluem mutuamente; vão juntos. Quando estamos unidos a Jesus Cristo, ele também nos une com seu povo, os membros de seu corpo. Isso tem implicações profundas para romper com prazeres culpados. Observe que a maioria, senão todos, os prazeres ilícitos são atos autoindulgentes e egocêntricos. Nós os perseguimos isoladamente. Portanto, para romper com eles é importante que não apenas os conheçamos e rompamos com eles através da cruz, substituindo-os pelas alegrias superiores de Cristo, mas também exige que nos entreguemos para servir a outros que precisam de nossa ajuda. Quando nos envolvemos com os outros, isso nos ajudará a encontrar prazer e realização puros e inocentes na companhia de outros, ou nos ajudará a encontrar significado em ajudar os necessitados, dando-lhes prazer. Em contraste com os prazeres manchados pelo pecado que nos deixam vazios, miseráveis e culpados, esses prazeres são verdadeiramente significativos, puros e gratificantes. Eles nos trazem verdadeira alegria e contentamento. Ser um membro ativo na igreja local não é matar o prazer, mas um dos meios pelos quais

Deus dá prazer ao seu povo enquanto eles servem e se entregam aos outros. E lembre-se das palavras do Senhor Jesus, que Ele disse: “Mais bem-aventurado é dar que receber” (Atos 20.35).

Agora temos uma estratégia para lutar contra os prazeres culpados em nossa vida. Cada um de nós tem o dever de lutar contra o prazer pecaminoso e idólatra. Nesta cultura que é tão inclinada ao prazer, devemos permanecer firmes no evangelho de Cristo. Que Deus nos ajude a continuar essa luta para entesourar-los como nossa grande alegria (Salmo 43.4).

Rev. Jacques Roets, é Ministro da Palavra e dos Sacramentos ao lado do Rev. Joel Weaver na Igreja Reformada Trinity United de Visalia, Califórnia, EUA.